

Sumário

Editorial	7
<i>Fábio Gumieiro</i>	

A Trindade como possibilidade para pensar as Relações Humanas em nossos dia.....	10
<i>Leonardo Envall Diekmann</i>	
<i>Adriano André Maslowski</i>	

O pensamento de F. A. Hayek nas relações internacionais: a ordem espontânea como equilíbrio de poder	27
<i>Anderson Barbosa Paz</i>	

Influência da supervisão humanista na formação técnico-profissional..	42
<i>Virgínia Luís Mundeia</i>	

Filosofia Social de Herman Dooyeweerd	55
<i>Juliana Bolzan Sebe Dias</i>	

ENSAIOS

Crises da República	71
<i>Gabriella O. Dos Santos</i>	
<i>Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido</i>	

Hannah Arendt e sua obra eichmann em Jerusalém.....	77
<i>Isabelle Sarno Fonseca</i>	
<i>Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido</i>	

Verdade: seus conflitos e definições 84

Maria Eduarda Sena Mariano

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

Crises da República 90

Mariana Kruchelski

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

A desobediência civil em Hannah Arendt Presente na obra “Crises da República” 96

Mathews de Abreu Landuche

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

Crises da República 102

Miryam Brambilla

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

As Crises Intencionais nas Repúblicas..... 107

Rafael Golob

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

Origens do Totalitarismo 115

Caroline Carlos Cândido de Lima

Prof. Dr. Edimar Inocencio Brigido

Editorial

Neste 28º número da Tabulae, não poderíamos tratar de algo mais relevante para o momento do que as questões relativas às crises políticas e a banalização da mentira e do mal.

Nas páginas que seguem, o leitor é convidado a refletir sobre a intencionalidade e a “fabricação” de crises nos principais estados republicanos modernos.

Fundamentados no pensamento de Hannah Arendt, mas não só, os autores vão buscando discorrer sobre os verdadeiros sentidos de expressões banalizadas pelos homens que habitam o poder, como Democracia, República, Direito, etc.

As Repúblicas modernas, que deveriam ser por excelência o espaço de discussão e respeito pela *coisa pública*, acabaram por se tornar um antro de perversões segregacionistas, onde aqueles que deveriam zelar pelo bem comum, se apropriam dele para se perpetuarem no poder. Os eleitos para representar os anseios do povo, tornam-se rapidamente seus opressores, invertendo a lógica suprema da Democracia, de representantes do povo, julgam-se patrões dele...

As crises da República passam por uma estratégia demoníaca, pautada na mentira dos “representantes do povo” e legitimados por sistemas judiciários falhos e manipuladores. Tais maquinarias ideológicas tem como padrão a construção de imagens e projetos inalcançáveis e ilusórios.

Os “representantes do povo”, não medem esforços para manter seu status de uma “raça” superior, iluminada e, mesmo que as constituições digam que todos são iguais perante a lei, se julgam mais iguais que os outros, como os verdadeiros porcos retratados por George Orwell na Revolução dos Bichos.

Para esta casta política, o fim (no singular mesmo) justifica os meios, mesmo que estes sejam brutais e inescrupulosos, como nas guerras, nas ditaduras e nas perseguições políticas, mas também na morte de inocentes à espera de uma UTI, vítimas de bala perdida, vítimas da fome, etc... é a banalização do mal.

Mas qual é o papel do povo em tudo isso? Parece não haver uma resposta muito clara. Alguns lutam para passar para o outro lado, ou seja, se aventurar na esfera política e passar a fazer parte da balburdia opressora. Outros se propõem a sacrificar sua vida na tentativa de mudar o sistema. Por fim, uma grande maioria, aceita como normalidade tudo o que é proposto, agindo como gado marcado e feliz, desde que se tenha um mínimo de “capim” para ruminar.

O individualismo e a idolatria dão as bases para o reinado despótico de um grupo sedento pelo poder. O Brasil é um caso típico desta realidade, onde parece não haver distinção clara entre o público e o privado, então parece que está tudo bem se houver algumas fraudes, desde que umas migalhas sejam destinadas a caridade em formato de projetos sociais. Não nos damos conta, porém, que se não houvesse tais crimes, não haveria também a necessidade destes auxílios/direitos.

Uma fase importante do projeto de objetivação dos indivíduos é a tecnicização do ensino, formadora de mão-de-obra para um setor específico com a primazia do saber-fazer. Um contraponto, pondera um de nossos autores, seria a inserção de uma supervisão humanista, pois o homem é muito mais que um robô executor de tarefas, mas um sujeito complexo e de relações.

Qual seria então a solução para as questões que nos afligem?
Nos tornar mais humanos, parece que já seria um bom começo...

Prof. Ms. Fábio Gumieiro

